



# Opinião Econômica

Marcos de Vasconcellos

Jornalista e CEO do  
Monitor do Mercado

banrisul

## Investidores com IA, mas sem 'aura'

Consumir investimentos não é o mesmo que entender a mecânica de como funcionam os produtos

Se você aplicar R\$ 100 em um investimento que rende 2% ao ano, ao fim de cinco anos terá um saldo maior do que R\$ 102? A resposta (um grande "sim") pode parecer óbvia para muitos, mas pelo menos 1 a cada 4 investidores brasileiros não sabe. Contando quem também não investe, a incidência de respostas erradas aumenta para 1 a cada 3 pessoas.

A informação acabou de sair do forno, numa pesquisa feita com 5.832 pessoas pelo Datafolha com a Anbima (Associação Brasileira das Entidades dos Mercados Financeiro e de Capitais), chamada Raio-X do Investidor. Ela mostra como ampliamos o alcance da informação sobre o di-

nheiro, mas não necessariamente do conhecimento.

Hoje, 9% dos considerados investidores dizem usar ferramentas de IA para tomar suas decisões financeiras. Mas 1/3 dessa mesma turma afirma aplicar seu dinheiro na caderneta de poupança. Veja bem: qualquer um que perguntar ao ChatGPT ou similares se há aplicações que rendem mais do que a poupança com a mesma segurança e liquidez receberá opções como o Tesouro Selic ou CDBs de liquidez diária.

O aumento do uso da tecnologia ou do alcance da informação não significa que ampliamos o uso do conhecimento financeiro. Este sim precisa ser o foco de

quem quer deixar de ser esmagado por instituições financeiras que recebem seu dinheiro a troco de bala (como na poupança ou em aplicações de baixo retorno) para emprestar a juros altíssimos, por exemplo.

Entender como a enxurrada de tecnologia e informação pode se traduzir em conhecimento e ganhos reais é o desafio do momento. Há exatos 90 anos, o filósofo alemão Walter Benjamin estava preocupado com o fato de o avanço tecnológico ter massificado a produção e o consumo de arte, por meio de fotografia e do cinema, que podiam ser reproduzidos a custos baixíssimos, tirando a "aura" da obra de arte, a sua

profundidade e a ligação íntima com o espectador.

Acostumados ao teatro de linguajar complicado dos gerentes de banco ou à pintura rebuscada de relatórios econômicos, os investidores agora têm à sua disposição as ferramentas e as plataformas para democratizar seu acesso ao sistema financeiro. Mas esse mesmo processo gerou também uma distração: por estar imerso em informação, o investidor sente que está tomando decisões bem embasadas, mesmo quando não é o caso. Um exemplo disso é o clichê de dizer que o Brasil é o "paraíso dos rentistas e pesadelo dos empreendedores" onde se ganha muito com dinheiro parado em aplicações, sem correr risco, enquanto o uso dessa máquina pela população ainda é mínimo.

O governo paga historicamente muito bem para quem empresta dinheiro para ele. E esses

juros são pagos por todos nós, contribuintes. Não usá-los a seu favor é aceitar o ônus, sem buscar o bônus dessa relação. Para lucrar com isso, há uma vasta gama de opções de investimentos, menos complexos do que operar ações na Bolsa e mais rentáveis do que aplicar na poupança.

Consumir investimentos não é o mesmo que entender a mecânica dos produtos à sua disposição. Vimos o número de pessoas investidoras chegar a 60,6 milhões (36% da população) ao fim de 2025, segundo a pesquisa da Anbima.

É crucial que esse salto no número de investidores seja acompanhado por um avanço no conhecimento financeiro, para que a "aura" das finanças não se perca na democratização do acesso ao mercado, deixando os bons produtos reservados apenas para aqueles que sempre dominaram o sistema.

**banriway** A vida financeira do seu filho começa aqui.

A nova conta para crianças e adolescentes do Banrisul.

Para eles terem **mais autonomia e segurança.**

**banrisul**  
www.banrisul.com.br/banriway

## Presidente da Usiminas defende que Brasil adote tarifas maiores à importação do aço

/INDÚSTRIA

Cássio Fonseca  
cassiof@jcrs.com.br

A turbulência na economia mundial por conta das guerras que ocorrem mundo afora, com ênfase no conflito no Oriente Médio, mais recente e impactante, gera ressalvas na indústria do aço. Esse foi o tom adotado pelo presidente da Usinas Siderúrgicas de Minas Gerais S.A. (Usiminas), Marcelo Chara, em sua palestra na Associação do Aço do Rio Grande do Sul (Aars), nesta quarta-feira. Outro ponto destacado é uma "concorrência desleal do mercado chinês", que acarreta em uma crise de importações excessivas e desindustrialização no País.

Conforme o argentino, que há 12 anos reside no Brasil, as guerras têm gerado maiores custos de energia e fretes, além de disrupções severas nas cadeias de suprimentos e, diante deste cenário,

podem reduzir a atividade econômica nacional, prejudicando o segmento já a curto prazo.

Chara exemplifica os danos à economia global ao citar o custo do petróleo, com o tipo Brent acima dos US\$ 100 por barril e o frete marítimo em uma disparada dos preços, de US\$ 531 para US\$ 680 por tonelada, de 27 de fevereiro a 27 de abril. "Isso impacta em absolutamente tudo o que se mobiliza no planeta, desde alimentos até produtos industriais e combustíveis", completa. Essas são consequências da diminuição drástica do fluxo de navios de carga pelo Estreito de Ormuz.

Existe ainda o temor por uma extensão do conflito entre Estados Unidos e Israel com o Irã, além da previsão de aumento da inflação mundial, enquanto o Brasil projeta um crescimento moderado do Produto Interno Bruto (PIB) - 1,9% para 2026 e 1,8% para 2027.

Em meio aos conflitos, o presidente da Usiminas analisa uma tendência atual de regionalização na geopolítica global. "Acabou a

globalização", afirma. Ele explica que, devido ao encarecimento da logística, os países estão se voltando para soluções sustentáveis dentro de suas regiões, justamente para reduzir a dependência de outros pontos.

Outro fator que dificulta para que o brasileiro se mantenha competitivo é a pressão chinesa sobre o mercado de aço, segundo Chara. Hoje, os asiáticos detêm cerca de 70% da produção mundial e suas exportações triplicaram nos últimos quatro anos, atingindo cerca de 50 milhões de toneladas por ano.

Além disso, aponta para subsídios governamentais dos chineses, além de uma triangulação da exportação, já que Estados Unidos e Europa impuseram fortes barreiras tarifárias sobre a importação do aço para se prevenir da compra do produto subsidiado.

Na prática, enquanto as tarifas norte-americanas e europeias variam de 25% a 50%, o Brasil opera com 10,8%, o que gera um surto de importações. E Chara afir-

ma que, ao importar uma tonelada de aço da China, o Brasil está, na prática, "importando horas de trabalho chinês" e deixando de gerar essas mesmas horas para os trabalhadores brasileiros. Ele completa, portanto, que este é um "grave erro, pois destrói os empregos industriais qualificados no Brasil, que levam anos para serem formados", e fala sobre "como é difícil achar mão de obra qualificada em um país com mais de 200 milhões de habitantes".

Sobre a triangulação para chegar ao mercado estadunidense e europeu, a China passou a investir em capacidades produtivas em outros países do Sudeste Asiático. O Vietnã, por exemplo, é o principal destino do aço chinês e, por sua vez, um dos maiores exportadores para os EUA e Europa.

Na exportação direta, o Brasil foi o principal destino das exportações chinesas de aço em 2025 fora da Ásia. Na 9ª colocação, aparece com 2,7 milhões de toneladas adquiridas, o que representa um aumento de 125% desde 2022.



Marcelo Chara falou ainda sobre o impacto das guerras no segmento